

SÍNDROME DE BURNOUT E ESPORTE: A VISÃO DOS TÉCNICOS DE TÊNIS DE CAMPO

BURNOUT SYNDROME AND SPORTS: THE TENNIS COACH VIEW

João Guilherme Cren Chiminazzo*
Paulo César Montagner**

RESUMO

A síndrome de *burnout*, conhecida como síndrome do esgotamento físico, psíquico e emocional, acomete pessoas de diversas áreas profissionais. No esporte, é comum constatar atletas em esgotamento. O objetivo do estudo foi pesquisar as opiniões dos técnicos de tênis de campo a respeito da síndrome de *burnout* em atletas infanto-juvenis e profissionais. Utilizou-se como método a pesquisa qualitativa, com opção pela análise de conteúdo para a categorização dos dados obtidos com os questionários. Para isso, um questionário foi elaborado e aplicado a 32 técnicos. Os resultados indicaram que 81% dos técnicos já tiveram atletas que apresentaram sinais de esgotamento, além de 96% apresentarem referências de sinais fisiológicos de *burnout*. Foram 24 menções para a categoria *Treinos* como precursores para a síndrome de *burnout* no tênis de campo. É importante que técnicos de tênis de campo conheçam o fenômeno dessa síndrome para que sejam capazes de orientar seus atletas, garantindo-lhes uma boa qualidade de vida em sua carreira esportiva.

Palavras-chave: Síndrome de *Burnout*. Esportes. Tênis de campo.

INTRODUÇÃO

O primeiro estudo em que aparece o termo *burnout* surgiu no início da década de 70 com J. H. Freudenberger, num trabalho intitulado “Staff Burn-out”. Os primeiros estudos são originários da Psicologia e tiveram aumento na década de 1980. Verifica-se, assim, que os estudos são recentes.

Atualmente, as pesquisas envolvendo essa síndrome apontam para o consenso de que inexistente na literatura uma definição para o termo (PASTORE; JUDD, 1992; CAPEL, 1986; LAI; WIGGINS, 2003). Aceita-se que seja uma resposta ao estresse laboral crônico, mas não deve ser confundido com o próprio estresse.

A síndrome de *burnout* sempre esteve presente em nossas vidas nas mais variadas profissões - portanto sempre esteve presente também no contexto esportivo; porém é muito pouco explorada e a carência de estudos resultou na impossibilidade de se possuírem subsídios para se tentar amenizar esse esgotamento de

atletas em suas carreiras esportivas. Azzi, Chiminazzo e Escher (2002) realizaram uma pesquisa de levantamento bibliográfico em periódicos nacionais e internacionais e constaram que, de 339 sumários de exemplares dos periódicos consultados, apenas dez artigos foram encontrados sobre a síndrome de *burnout* nos esportes e mais seis artigos que abordavam estresse e *burnout* no contexto esportivo. Esses artigos foram encontrados somente na literatura internacional.

Um estudo de revisão sobre a síndrome de *burnout* no esporte realizado por Dale e Weinberg (1990) indicou pontos que devem ser levados em consideração na elaboração de um conceito da síndrome de *burnout* nos esportes: a subjetividade, a complexidade, a falta de prazer - particularmente nas atividades esportivas - e a falta de recompensa. Ainda nesse mesmo estudo, os autores afirmam que são componentes da síndrome de *burnout*: a exaustão, seja ela física, mental ou emocional; as mudanças negativas na resposta do indivíduo em relação aos outros; a

* Mestre em Ciência do Treinamento, Unicamp e Professor da Faculdade de Educação Física, Metrocamp e Unipinhal.

** Professor Doutor do Departamento de Ciências do Esporte da Faculdade de Educação Física, Unicamp.

baixa realização pessoal; a reação ao estresse crônico de todos os dias e, por fim, a individualidade de cada pessoa, que torna mais difícil a sua identificação. Assim, Weinberg e Gould (2001) definem a síndrome de *burnout* como uma resposta psicofisiológica de esgotamento exibida como resultado de esforços frequentes, às vezes extremos e geralmente ineficazes, para satisfazer demandas excessivas de treinamento e competições.

A síndrome de *burnout*, que antecede o abandono, é conhecida como a síndrome de esgotamento; já o abandono a literatura o trata como *dropout*, o que seria a completa desistência da prática esportiva (DALE; WEINBERG, 1990; SCHMIDT; STEIN, 1991; SILVÉRIO, 1995; RAEDEKE; LUNNEY; VENABLES, 2002).

Os precursores determinantes da síndrome de *burnout* podem ser questões físicas e outros fatores estressores - como distúrbios sociais, educacionais, ocupacionais e econômicas -, os quais podem influenciar no desempenho esportivo de atletas (CAPEL, 1986; GOULD et al., 1997; LAI, 2003).

Muitas vezes o atleta nem percebe que está esgotado, apenas apresenta sinais e sintomas, tanto físicos quanto psicológicos, que o incomodam na prática esportiva. Assim, o profissional que trabalha diretamente com o atleta pode identificar e combater esse estado, que o prejudica, para evitar o pior: o abandono. Gould et al. (1997), Raedeke, Lunney e Venables (2002) afirmaram que os conhecimentos dos técnicos sobre a síndrome de *burnout* podem contribuir com as pesquisas acadêmicas sobre o tema. Além disso, são os técnicos as pessoas que passam a maior parte do tempo com seus atletas, o que lhes permite, quando necessário, uma intervenção direta a fim de contribuir para que o número de atletas acometidos por essa síndrome sofra uma diminuição significativa.

Poucos estudos procuram abordar a síndrome de *burnout* de forma qualitativa, respeitando sua complexidade e procurando analisar de forma subjetiva os diferentes ambientes dos esportes. Devido à carência de estudos nacionais e à falta de pesquisas que se proponham a explorar a ocorrência da referida síndrome nos esportes, mais especificamente no

tênis de campo, a presente pesquisa concentrou-se na investigação do tema entre os técnicos dessa modalidade esportiva. Buscou conhecer a percepção dos técnicos a respeito da síndrome de *burnout* em seus atletas, considerando-se que os técnicos são as pessoas em contato direto com os atletas e que, muitas vezes, são os únicos profissionais que compõem a comissão técnica do atleta.

OBJETIVOS

O estudo teve como objetivo geral conhecer a percepção de profissionais que atuam como técnicos de tênis de campo a respeito da síndrome de *burnout* (síndrome de esgotamento) em atletas infanto-juvenis e profissionais na referida modalidade.

Como objetivos específicos, o estudo buscou: identificar como os técnicos de tênis de campo descrevem um atleta em estado de esgotamento; analisar, na perspectiva dos técnicos de tênis de campo, os fatores desencadeadores do processo de esgotamento em seus atletas; identificar o que os técnicos de tênis de campo expõem como sinais do estado de esgotamento de seus atletas.

METODOLOGIA

Para o presente estudo foi adotada como procedimento metodológico de investigação a “pesquisa qualitativa”, que permite, através da sua subjetividade, abordar uma grande diversidade de aspectos do objeto de investigação, analisando o sentido desse objeto, que possui um significado pessoal. A análise qualitativa se preocupa com um nível de realidade, que não pode ser quantificado (MINAYO, 1994).

O interesse pela pesquisa qualitativa está diretamente relacionado com a grande preocupação quanto ao nível de qualidade do material em estudo. Não existe interesse em quantificar esse material, e sim, em analisar a sua qualidade, uma vez que se trata de seres humanos, obviamente inseridos numa sociedade, num ambiente em que diversos fatores influenciam seu dia-a-dia até podem variar de um dia para outro. Dentre as várias

possibilidades de análise, a opção, para esta pesquisa, foi pela análise categorial de seus dados, através de recortes de verbalizações dos sujeitos. “A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos” (FRANCO, 2003, p.51).

Foram entrevistados 32 técnicos ($35 \pm 7,71$ anos), sendo 28 do sexo masculino e quatro do sexo feminino. São técnicos de tenistas infanto-juvenis que participam em torneios nacionais e internacionais e atuam nos grandes centros de tênis de campo do país, englobando a Grande São Paulo e a Região Metropolitana de Campinas (RMC). A média de tempo de trabalho como técnico de tênis de campo ficou em $13,3 \pm 7,98$ anos. Desses 32 técnicos, 23 chegaram a jogar tênis profissionalmente. Todos os sujeitos assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido.

A respeito do nível de escolaridade desses profissionais, doze sujeitos possuíam ensino superior incompleto, enquanto 9 indivíduos já haviam concluído essa fase de ensino. Dos 23 técnicos que iniciaram um curso superior, dois dos quais são especialistas, cinco iniciaram o curso de Educação Física mas não o terminaram, e outros três são formados em Educação Física.

Em relação à quantidade de atletas que treinavam, 53% dos técnicos trabalhavam com até dez tenistas de alto nível, e apenas um técnico trabalhava somente com um só jogador. Quatro sujeitos relataram trabalhar com 25 a 40 tenistas.

Quanto às categorias em que os sujeitos trabalhavam na modalidade, 15 técnicos trabalhavam com atletas de 12 anos, 23 técnicos possuíam atletas de 14 anos e 28 técnicos atuavam com adolescentes de 16 anos. Já na categoria de 18 anos, 25 técnicos indicaram trabalhar com essa faixa etária e apenas 17 possuíam jogadores profissionais. Apenas dois técnicos trabalhavam com treinos individuais, todos os demais trabalhavam com equipes.

Para a maioria dos técnicos, o tempo de treinamento diário variava de duas a seis horas. Em média, 47% dos técnicos treinavam de duas a quatro horas por dia e outros 47% treinavam, em média, de quatro a seis horas diárias. Apenas um técnico (3%) dos trinta e dois entrevistados

preferia trabalhar menos de duas horas de treino por dia e um (3%) fazia mais de seis horas de treino por dia.

A coleta de dados foi realizada através da aplicação de questionário elaborado pelos autores do trabalho, os quais para isso se fundamentaram em leituras acerca do referencial teórico. O questionário criado foi dividido em duas partes: a primeira cuidou da caracterização dos sujeitos, e a segunda, composta por perguntas abertas semiestruturadas, compreendeu perguntas primárias, que atendiam diretamente ao objetivo do trabalho, e perguntas secundárias, que tinham a finalidade de auxiliar na compreensão das perguntas primárias. Houve contato telefônico com os técnicos e, com local, data e horário preestabelecidos, os questionários foram entregues acompanhados de um termo de consentimento livre e esclarecido. No mesmo local os questionários foram respondidos, os termos foram assinados e ambos devolvidos a seguir. A pesquisa foi aprovada através do parecer do CEP de n.º 176/2009.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As questões abertas do questionário foram categorizadas por afinidade das respostas analisadas a partir do referencial da Análise de Conteúdo. Inúmeras respostas foram compostas, ou seja, continham mais de uma ideia, e dessa forma poderiam pertencer a mais de uma categoria, permitindo, assim, a descrição dos dados em função do número de respostas para cada questão, e não pelo número total de sujeitos da amostra. Vale a pena salientar que esse estudo partiu da percepção dos técnicos em relação à síndrome de *burnout* em atletas, sem verificar o que estes estavam realmente sentindo. Desse modo, pode haver diferença entre o que o técnico percebe e o que o atleta sente.

O estudo continha duas questões primárias, as quais procuravam atender ao objetivo principal do trabalho, e questões secundárias, que auxiliavam na compreensão das questões primárias, baseando-se no referencial teórico utilizado pelos autores.

Uma das questões primárias buscava saber como os técnicos descreviam um atleta que considerassem esgotado. As categorias criadas para essa questão foram: respostas comportamentais-attitudes e reações negativas, comportamento social com evidência de problemas e respostas fisiológicas com comprometimentos. A maioria dos técnicos apontou respostas fisiológicas com comprometimentos como a descrição de um atleta esgotado, como relatou um dos sujeitos: “Ele se torna uma pessoa nervosa, cansada, com problemas de relacionamento com os pais, professores e outros atletas até o aparecimento de lesões”, corroborando o que a literatura apresenta como a primeira característica a ser observada em atletas com síndrome de *burnout* (SMITH, 1986; GOULD et al. 1997; WEINBERG; GOULD 2001). Foram obtidos 31 registros para essa categoria, percebendo-se, pois, que os sinais fisiológicos de esgotamento em atletas infanto-juvenis de tênis de campo ainda são os mais percebidos pelos técnicos.

As respostas comportamentais com attitudes e reações negativas constituem a segunda categoria exposta pelos técnicos. Essas duas categorias são, conforme o modelo de Smith (1986), respostas a um processo que se inicia com uma determinada demanda, e após a avaliação cognitiva do atleta referente à demanda, as respostas fisiológicas e as comportamentais serão frequentes no atleta. É importante salientar que questões de cunho social também podem caracterizar atletas esgotados (COAKLEY, 1992), como é o caso de um dos sujeitos, que relatou o seguinte: “...com problemas de relacionamento com os pais, professores e outros atletas.”, formando assim a terceira categoria para a questão.

Com as declarações dos técnicos para a questão referente à descrição de um atleta esgotado, verifica-se que a alteração de rendimento do atleta infanto-juvenil que apresenta sinais de esgotamento é convicta: o atleta treina para melhorar seu rendimento, mas, mesmo treinando, essa melhora não aparece. Neste caso, a ocorrência de resultados favoráveis não é certa, pois os custos estão maiores que as recompensas, fazendo com que o atleta sintasse esgotado e muitas vezes abandone

a modalidade esportiva (THIBAUT; KELLEY, 1959).

Um técnico não precisa combater a síndrome de *burnout*, basta preveni-la, e para isso deve conhecer melhor seus atletas bem como saber da ocorrência do fenômeno. Dos 32 técnicos entrevistados, 26 já tiveram algum atleta que apresentou sinais de esgotamento e 24 técnicos fizeram alguma menção a *sinais fisiológicos* como, por exemplo, sinais de cansaço, sono, fadiga, lesões, entre outros. Oito técnicos referendaram a categoria das *respostas comportamentais com attitudes e reações negativas*, que teve como maior frequência de respostas o desejo de parar de jogar, devido a algum motivo: “Não conseguia desenvolver todo o seu potencial e começava a falar em parar de jogar tênis, [...]”, por exemplo. Levando-se em conta a percepção dos técnicos e o fato de que seus atletas poderiam mesmo estar sofrendo a síndrome de *burnout*, verifica-se que o resultado corrobora a ideia de que a síndrome de *burnout* apresenta tanto componentes físicos quanto psicológicos (WEINBERG; GOULD, 2001; SMITH 1986).

Ao lhes ser perguntado se possuíam, na ocasião, algum atleta que aparentasse os sinais de esgotamento, apenas 8 técnicos responderam afirmativamente. É necessário salientar que, na época em que o questionário foi aplicado, por ser início de ano, muitos atletas ainda estavam no começo da temporada, no começo das competições. Essa diferença na percepção de esgotamento em diferentes épocas da temporada também foi destacada no estudo realizado por Lai e Wiggins (2003) com jogadores de futebol, em que afirmaram que a síndrome de *burnout* aumenta significativamente com o tempo, ao longo da temporada.

A outra questão de ordem primária formulada no questionário tratava dos motivos que poderiam dar origem ao esgotamento. Segundo estudos de Pastore e Judd (1992), Gould et al. (1997), Lai e Wiggins (2003, a síndrome de *burnout* é multideterminada, ou seja, ela não é desencadeada por apenas um fator: “no caso do esporte, seria o resultado de uma interação recíproca do atleta com diversos fatores” (CHIMINAZZO; AZZI, 2005, p.74).

Ao descreverem os fatores que podem dar origem ao estado de esgotamento no tênis de

campo, os sujeitos elencaram algumas respostas comportamentais – atitudes/reações negativas (que seriam alguns tipos de comportamentos de controle e tarefa, como falta de resultados ou resultados negativos, não administração de pressão), algumas respostas fisiológicas com comprometimentos como comer mal, dormir mal ou estar desmotivado, alguns itens relacionados a avaliações cognitivas (da demanda, dos recursos potenciais do indivíduo, das conseqüências e do significado das conseqüências), assim como citaram eventos referentes a demandas situacionais (altas demandas ou demandas conflitantes/sobrecarga, como: excesso de torneios e treinos, pressão de pais, técnico e do próprio atleta, falta de dinheiro, falta de periodização e assim por diante). Porém as questões relatadas, com exceção da categoria *demandas situacionais*, não seriam exatamente fatores, e sim, sinais da síndrome, isto é, já seriam as conseqüências manifestadas com a síndrome. Nota-se uma confusão, por parte dos técnicos, entre o que dá origem à síndrome de esgotamento e o que concerne a reflexos da ocorrência da síndrome. Apesar de, na visão dos técnicos, as questões referidas deverem ser consideradas como fatores/motivos que levam ao esgotamento (tanto as demandas situacionais quanto as respostas comportamentais, as avaliações cognitivas e as respostas fisiológicas), o que se fez nesta questão, a partir do conteúdo expresso pelos sujeitos, foi justamente uma subcategorização da questão, uma subdivisão do conteúdo do item das demandas em sete novas categorias.

Assim, entre as sete categorias criadas a partir do item das *demandas situacionais*, a que recebeu maior número de registros de respostas dos técnicos foi a categoria *treino*, com 24 menções. Para essa categoria, verifica-se que os treinamentos em excesso foram a principal menção dos técnicos, na maioria das vezes sem controle algum e muito mal-elaborados.

Outra categoria bastante registrada pelos técnicos foi a das *competições*, com 14 citações. O excesso de jogos, o calendário de competições e a falta de participação em jogos são citações que podem dar origem a um estado de esgotamento dos atletas. Entender as peculiaridades da modalidade praticada é

imprescindível para a compreensão da síndrome de *burnout*. Vários técnicos relataram que o excesso de competições e de jogos gera uma carga de estresse em seus atletas, podendo originar um estado de esgotamento.

A questão da pressão - seja por parte dos pais seja por parte dos técnicos, dos dirigentes, dos patrocinadores ou do próprio atleta - também foi listada como causadora da síndrome de *burnout*. Ao todo, 12 técnicos mencionaram essas questões. Alguns técnicos tiveram as seguintes declarações: "... muita cobrança dos pais, do próprio atleta, dos patrocinadores, de alguns familiares próximos...", ou então: "... excesso de pressão dentro e fora da quadra".

As viagens para disputar torneios são constantes no tênis de campo. Para os atletas que ainda estudam, essas viagens são mais complicadas, uma vez que os afastam de seus estudos e dos compromissos escolares. Muitos atletas também viajam para treinar, ficando alojados em outras cidades e, desse modo, estão afastados de seu próprio ambiente, de sua família, de seus amigos. A categoria referente a viagens compreendeu afirmações de excesso de rotina, falta de companhia, falta de uma vida social, sendo esse quadro específico do tênis de campo. Na maioria das vezes, por falta de recursos financeiros, o atleta é obrigado a viajar sozinho, sem o técnico, o que lhe acarreta mais dificuldades, pois, além de pensar no jogo, tem que pensar também em toda a organização e estrutura que deve arrumar durante a viagem. Não obstante, no presente estudo a falta de recursos financeiros foi pouco citada pelos técnicos.

A questão da adequação aos objetivos, citada por Gould et al. (1997), também é importante para o entendimento da ocorrência da síndrome de *burnout*. Os técnicos são as pessoas que passam a maior parte do tempo com seus atletas, por isso devem ter muito claros seus objetivos bem como os objetivos dos seus atletas, sendo indispensável a sintonia entre tais objetivos. Desse modo, ambos os sujeitos (técnicos e atletas), que estão trabalhando juntos e caminham por uma mesma trilha, podem saber claramente onde querem chegar, qual será o final da linha para eles e, logo a seguir, readequar seus objetivos para seguir novos caminhos.

As primeiras questões do questionário versavam sobre os objetivos, que se apresentaram como muito distintos. Catorze técnicos apontaram como objetivo *a formação dos atletas*, independentemente de serem profissionais. Em segundo lugar ficou a categoria *levar o atleta a uma melhora de performance*, com 12 referências. Outras respostas se enquadraram nas categorias preparar o atleta para a vida, promoção do atleta em sua carreira, entre outras. Quando lhes foi perguntado se sabiam os objetivos de seus atletas, todos os técnicos afirmaram ter esse conhecimento, sendo que dezenove especificaram quais eram esse objetivos. Nota-se uma prioridade quase absoluta em se tornar um tenista profissional, com dezessete assinalações. A seguir destaca-se o objetivo de estudar no exterior e/ou jogar por uma universidade fora do país, com nove referências.

Finalmente, considera-se de fundamental importância que os técnicos tenham total ciência do que seus atletas querem e onde desejam chegar, pois são os técnicos que devem traçar os caminhos a serem trilhados pelos atletas. Os técnicos afirmaram que conversam com seus atletas a respeito dos objetivos. Gould et al. (1997) salientaram a importância de o técnico estabelecer, junto com seu atleta, os objetivos, não caindo no erro de traçar objetivos muito difíceis de alcançar, pois isto torna as coisas mais complicadas para o atleta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa constatou que é grande a quantidade de atletas que apresentam sinais de esgotamento (81%). Como os técnicos são os agentes pedagógicos diretamente responsáveis pela vida esportiva dos atletas, eles devem possuir os conhecimentos necessários para

auxiliar na carreira do atleta a fim de que este possa ter uma vida de sucesso na modalidade. O presente estudo visa exatamente contribuir com a formação dos técnicos a respeito da síndrome de esgotamento em tenistas, respeitando suas peculiaridades.

Assim essa pesquisa pode concluir que, na visão dos técnicos, altas cargas de treinos, planejamento inadequado de treinos e treinamentos em excesso são fatores os responsáveis por desencadear a síndrome de *burnout*. Constatou-se também que fatores que podem dar origem à síndrome de *burnout* são: o calendário, o excesso de jogos e viagens, a falta de participação em torneios/jogos, pressões pela vitória por parte de seus pais, técnicos, familiares, imprensa, patrocinadores além, é claro, da própria pressão.

Já em relação aos sinais de esgotamento nos atletas, os técnicos os mais perceptíveis referem-se aos aspectos fisiológicos, como, por exemplo: cansaço, perda de peso, alterações no sono, no apetite, fadiga muscular, entre outros. Outros tipos de sinais apontados pelos técnicos foram os sinais comportamentais, porém em menor frequência em relação aos sinais fisiológicos.

A pesquisa buscou apenas analisar o conhecimento dos técnicos de tênis de campo acerca do tema. É importante dar continuidade aos estudos sobre a síndrome de *burnout* a fim de identificar, ainda mais, as peculiaridades da modalidade tênis de campo que influenciam de forma significativa a ocorrência da síndrome de *burnout*. Cabe aos técnicos trabalhar não só na direção do combate e prevenção de problemas, mas, principalmente, na promoção do desenvolvimento global e saudável dos atletas envolvidos em atividades competitivas.

BURNOUT SYNDROME AND SPORTS: THE TENNIS COACH VIEW

ABSTRACT

Burnout syndrome, known as the syndrome of physical, psychic and emotional exhaustion, is present in people of diverse professional areas. In sport, it is common to evidence athlete in exhaustion. The main goal of this study was to research tennis coaches' opinions about *burnout* syndrome in juveniles and professionals athletes. Qualitative method of research was used, where the option for content analyzes was made for categorizing data obtained from questionnaires. To be used as an t a questionnaire was elaborated and 32 coaches participated on the study. It was verified that 81% of the coaches have already had athletes presenting signs of *burnout*. Another data was that physiological signs for acknowledging the syndrome had 96% of the times mentioned by the coaches. "Practicing" was quoted 24 times as the precursor for Tennis burnout syndrome. Results lead to a conclusion that it is very important for tennis coaches to recognize *burnout* syndrome to be always able to guide their athletes, granting them a very good quality of life within theirs sports careers.

Keywords: *Burnout* Syndrome. Sports, and Tennis.

REFERÊNCIAS

- AZZI, R. G. Pais e técnicos de jogadores infanto-juvenis de tênis de campo competitivo: uma parceria necessária. In: AZZI, R. G.; CHIMINAZZO, J. G. C. (Org.). **Tênis de campo: temas em debate**. Taubaté: Cabral, 2005. p. 57-70.
- AZZI, R. G.; CHIMINAZZO, J. G. C.; ESCHER, T. A. *Burnout* e stress no esporte: levantamento de artigos que discutem essas temáticas em periódicos nacionais e internacionais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE, 9., 2002, Jundiaí. **Anais...Jundiaí**: [s.n.], 2002.
- CAPEL, S. Psychological and organizational factors related to *burnout* in athletic trainers. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, [S. l.] v. 57, no. 4, p. 321-328, 1986.
- CHIMINAZZO, J. G. C. **Síndrome de burnout no esporte: a visão de técnicos de tênis de campo**. 2005. 160 f. Dissertação (Mestrado em Ciência do Treinamento Esportivo)-Unicamp, Campinas, SP, 2005.
- CHIMINAZZO, J. G. C.; AZZI, R. G. Atividades competitivas e “esgotamento” (*burnout*) no tênis de campo infanto-juvenil. In: AZZI, R. G.; CHIMINAZZO, J. G. C. (Org.). **Tênis de campo: temas em debate**. Taubaté: Cabral, 2005. p. 71-84.
- COAKLEY, J. *Burnout* among adolescent athletes: a personal failure or social problem. **Sociology of Sport Journal**, v. 9, p. 271-285, 1992.
- DALE, J.; WEINBERG, R. *Burnout* in sport: a review and critique. **Applied Sport Psychologist**, Madison, v. 2, p. 67-83, 1990.
- FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília, DF: Plano, 2003.
- GOULD, G. et al. *Burnout* in competitive junior tennis players: III - individual differences in the *burnout* experience. **The Sports Psychologist**, [S. l.], v. 11, p. 257-276, 1997.
- LAI, C.; WIGGINS, M. S. *Burnout* perceptions over time in NCAA division I soccer players. **International Sports Journal**, [S. l.], v. 7, no. 2, p. 120-127, 2003.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- PASTORE, D.; JUDD, M. *Burnout* in coaches of womens team sports. **Journal of Physical Education, Recreational & Dance**, [S. l.], v. 65, no. 5, p. 74-79, 1992.
- RAEDEKE, T.; LUNNEY, K.; VENABLES, K. Understanding athlete *burnout*: coach perspectives. **Journal of Sports Behaviors**, [S. l.], v. 25, no. 2, p. 181-206, 2002.
- SCHMIDT, G. W.; STEIN, G. L. Sport commitment: a model integrating enjoyment, dropout and *burnout*. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, [S. l.], v. 8, p. 254-265, 1991.
- SILVÉRIO, J. M. A. **Burnout no desporto: estudo comparativo em atletas do triatlo, natação, ciclismo e atletismo**. 1995. 186 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Desportiva)- Universidade do Minho, Braga, 1995.
- SMITH, R. S. Toward a cognitive-affective model of athletic *burnout*. **Journal of Sport Psychology**, [S. l.], v. 8, p. 36-50, 1986.
- THIBAUT, J. W.; KELLEY H. H. **The social psychology of groups**. New York: John Wiley & Sons, 1959.
- WEINBERG, R.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

Recebido em 24/10/2008

Revisado em 16/12/2008

Aceito em 13/04/2009

Endereço para correspondência: João Guilherme Cren Chiminazzo. Rua, José Luiz Camargo Moreira 183, apto 42A. Mansões Santo Antônio, CEP 13087-511, Campinas-SP, Brasil.
E-mail: chiminazzo@hotmail.com